

190				
		467		

CADERNO \_\_\_\_\_

PÁGINA Nº 20 A 28



# O LABIRINTO KAIOWÁ-GUARANI

Rio Confinados em reservas e aldeias,  
308 brasileiros se suicidam

POR BOB FERNANDES, DO PANAMBIZINHO. FOTOS: LUCIANO ANDRADE

**No limite.**  
Sivone, 14, e Zulmara, 21. O suicídio no Dia da Pátria, no Panambizinho. E também os túmulos em disputa. Fazendeiros querem mais alguns metros de terra

— O Salomão está triste, desde 7 de Setembro, tem de ter atenção...

Terça-feira, 7 de Setembro. Crianças, adolescentes e jovens brincam e conversam no campo de futebol, 80 metros adiante das choças, em direção à estrada de terra que leva à Vila Cruz, onde há 50 anos mora parte das 37 famílias de colonos que cercam os 60 hectares dos kaiowás com seus 1.180 hectares.

O cerco é o assunto, como terra e a inação do governo federal são o tema recorrente nas aldeias – são 40 – de todas as tribos espalhadas pelo Estado. Sivone Aquino tem 14 anos. Liciane Arce, 15, e sua irmã, Zulmara, 21. Daniel Aquino tem 26. Todos, sentados próximos ao gol de baixo. No gol de cima, falta o travessão.

De saiotos, jeans, camisetas, calções, havaianas, tênis, descalços, impregnados pelo pó vermelho, quase roxo, das férteis terras do Mato Grosso do Sul. Cinco da tarde. Sivone, Daniel, Liciane, Zulmara conversam em guarani.

A luta pelos 1.240 hectares de terras do Panambizinho, espoliados pelo governo de Vargas – como se deu também em outras porções do Estado – e demarcados em 1995 pelo então ministro da Justiça, Nelson Jobim, é o tema. Sivone comenta com Daniel:

— Tá enrolada nossa luta com o governo e os fazendeiros. Se a gente entrar nas terras, vamos levar bala.

Uma hora antes, ao passar por Daniel, sorrindo, Sivone disse:

— Nós agora não vamos viver nem mais 24 horas.

**A MORTE.** A Toyota da Fundação Nacional da Saúde trepida e salta buracos na estrada de terra à saída da Vila Cruz, dos colonos. São 8h30 da noite, menos de três horas depois da conversa sobre a luta pela terra. Daniel grita para o motorista:

— Corre Paulo!

No banco de trás, Sivone estremece. Zulmara ainda se mexe, como Liciane. Avisado pelo telefone, dr. Júlio aguarda no hospital da Missão Kaiowá, em Dourados. O médico examina Sivone e informa:

— Essa já morreu.

Zulmara e Liciane entram na sonda, limpeza intestinal. São 9 da noite. Às 10 horas, o dr. Júlio conta a Daniel:

— A Liciane pode escapar. A Zulmara, acaba de morrer.

Zulmara deixou um filho, Rony Bruce Lee, 4 anos. Filho com Salomão, que está triste, calado e recolhido à sua óga desde a noite do 7 de Setembro.

...O frio da madrugada já surrou meu corpo/nesta cidade quase fiquei louco/saudade é fogo e vai queimando aos poucos o coração/Sozinho na madrugada já briguei com a sorte/falei com meu Deus porque não manda a morte/sem esse amor nada mais importa a vida perde a razão...

**D**E UMA DAS ÔGAS – CHOÇAS – DISPERSAS NO RAIO DE 300 METROS DO TEKOKHA – a aldeia – do Panambizinho escorre *O Frio da Madrugada*, entoada por Rio Negro e Solimões na Rádio Grande FM. A canção é um interregno na Grande. Como na Transamérica, a outra FM de Dourados distante 23 quilômetros, o que se ouve ao longo da tarde na tekoha do Panambizinho é Chemical Brothers, DJ Irene, ATB, a sincopada tecno entremeada pelo martelar da publicidade:

— Seu celular é na Americel, compre já...

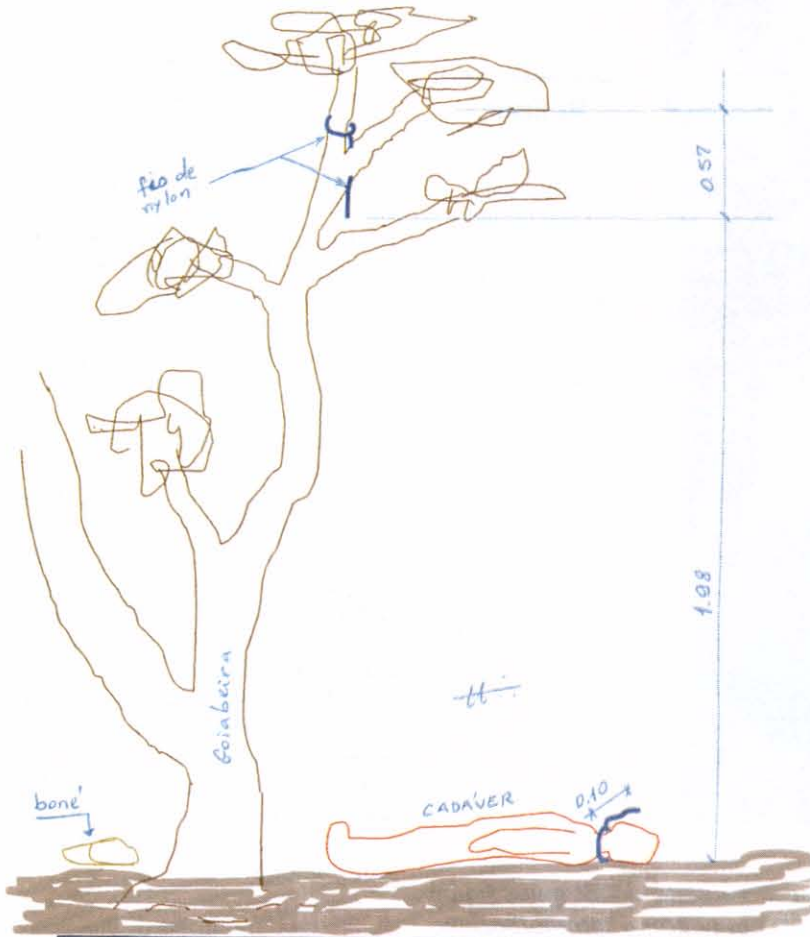
— Conecte-se com o mundo globalizado, o seu provedor na Internet é...

Sexta-feira, 24 de setembro. Se passaram pouco mais de duas semanas do 7 de Setembro, o Dia da Pátria. Daniel Aquino, agente comunitário de saúde, índio kaiowá que largou a universidade e a Matemática no primeiro ano por falta de dinheiro, passa os olhos pelo tekoha e murmura:

			467	

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL  
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
COORDENADORIA DE PERÍCIAS  
INSTITUTO DE CRIMINALÍSTICA "HERCÍLIO MACELLARO"  
NÚCLEO REGIONAL DE DOURADOS

**CROQUI ESQUEMÁTICO DO LOCAL - LAUDO Nº 5.993/DO**



Rua Cuiabá, 1828 - Centro - 79.802-030 - Dourados (MS) - FONE/FAX: (067) 421-1556

Zulmara e Sivone morreram por ingerir o agrotóxico Tordon, misturado com Sukita. Com as duas, chega a 308 o número de índios kaiowás-guaranis mortos (ao todo eles são 25 mil) por suicídio nos últimos 13 anos. Antônio Brand, doutor em História, professor da Universidade Católica Dom Bosco, coordenador do Programa Kaiowá-Guarani, até o 281º suicídio, mantinha em dia as estatísticas: 1. Entre os 12 e os 18 anos de idade, foram 123 os suicidas (43,43%). 2. Entre os 18 e os 24 anos de idade, foram 63 os suicidas (22,50%). 3. Entre os suicidas kaiowás-guaranis, 65% têm entre 12 e 24 anos de idade.

Sivone morreu na quarta tentativa. Sivone amava Zenildo Concianza, sobrinho de Nelson Concianza, o capitão (chefe político) do Panambizinho. Sivone amava Zenildo, mas seus pais, Vanildo e Ivone, não gostavam dele.

**AS IRMÃS.** Sivone, quando tentou o suicídio pela segunda vez, havia apanhado do pai que, bêbado, gritava para todos no tekoha ouvirem:

— Je'u Reí, Je'u Reí (biscate, biscate).

Para se matar no Dia da Pátria, Sivone recolheu, aos poucos, restos de agrotóxico na fazenda de Alcir Batista, onde traba-



**Tristes retratos.**

Linete (descalça, à esquerda), se foi aos 13 anos. Sivone, a seu lado, morreu no 7 de Setembro. O Estado, ao lado, faz seu trabalho: registro e estatísticas

lhava. Sivone dividiu sua garrafinha de veneno com Zulmara, que brigou com a irmã, Liciane, na véspera da morte.

A briga entre as irmãs foi por Salomão, que trocara a mulher, Zulmara, pela cunhada, Liciane. Às 7h20 da noite do Dia da Pátria, Liciane foi encontrada na estrada do cemitério. Zulmara, minutos depois, tombou na casa do capitão Nelson, onde bebera da mesma Sukita com Tordon. Sivone foi recolhida perto do campo de futebol.

**O CASAMENTO.** Wanderley Juca Pedro, 20 anos, que amava Sivone, morreu no dia seguinte ao Dia da Pátria. Tomou da mesma Sukita. Wanderley foi o sexto suicida no Panambizinho em 1999. Numa população de 264 pessoas. No desfecho, o amor. No princípio, na essência, nos fundamentos, a terra, a falta de espaço, a inação dos governos, dos cidadãos.

Em maio, se suicidaram Elaine Perito Pedro, aos 13 anos; Luiz Aquino Concianza, aos 16 anos; e Maurício da Silva Pedro, aos 19 anos. Elaine amava Maurício, mas sua mãe, Cleonice, queria que ela se casasse com Luiz. Entre os kaiowás-guaranis, os casamentos devem se dar com o acerto e consentimento dos pais.

Elaine amava Maurício. A mãe de Elaine a queria com Luiz, que amava Elaine. Na tarde do jerosy puku – a festa para a bênção do milho branco –, Elaine cedeu à sua mãe. Cleonice e o pai de Luiz, Rosali-

“Você não me quer, o Maurício não me quer, nem a minha mãe. Vou morrer”



no Aquino, acertaram o casamento. No final da tarde se deu, em família, a cerimônia que consolida a união:

- Você gosta dele?
- Gosto.
- Você gosta dela?
- Gosto.

Elaine tomou cachaça. Maurício a convidou para sair. Elaine, na noite do seu casamento com Luiz, dormiu com Maurício, a quem amava. Na madrugada, a nhe'ê Reí – a fofoca – correu o tekoha. Elaine voltou para a casa da mãe de manhãzinha. Cleonice e filha tiveram curta conversa:

- Você não dormiu com seu marido?
- Não, dormi com o Maurício.

Cleonice procurou Terezinha, a mãe de Maurício. Elaine, feliz, foi junto. Voltou triste depois de ouvir a mãe de Maurício:

— Não, meu filho não vai ficar com essa aí não.

Isso numa sexta-feira. Na segunda, depois de tomar cachaça, Elaine procurou Luiz, o que foi seu marido sem ter sido.

— Luiz, você ainda me quer?

— Não. Eu confiei, gostei de você, mas você provou que não me ama. Você dormiu com outro.



### Aos montes.

Alcídes Balbino, 42 anos, ex-animador de bailes. Agora é acordeonista da Deus é Amor na Reserva de Dourados. Trinta são as igrejas evangélicas na aldeia. Mais, muito mais, são os túmulos de quem desistiu

As choças, todas aglomeradas num raio de 300 metros, têm ouvidos. A conversa está na memória do Panambizinho.

— Você não me quer, minha mãe não me quer, nem o Maurício me quer. Eu vou morrer.

Elaine gritou, e correu. Cinquenta metros depois, pegou a garrafa de Sukita, já preparada, e perguntou a Luiz:

— Vou tomar a minha cuba (cachaça), quer um pouquinho?

Tomou. Caiu. Luiz, aos gritos, foi à óga de Cleonice:

— Sua filha tomou veneno, eu vou chamar um carro para o socorro.

**A CULPA.** Daniel, o agente de saúde, foi avisado. De bicicleta, como faria quatro meses depois, correu à Vila Cruz, para pedir um carro ao agente da Funai, Alexandre. Quando voltou ao Panambizinho já encontrou Luiz caído, se contorcendo, de-

			467	

pois de tomar o resto do veneno na mesma garrafa de Sukita de Elaine. Na madrugada daquela segunda-feira, o nhe' Reí percorreu o tekoha:

— A culpa é do Maurício.

Luiz era filho do capitão, o chefe político, Nelson Conciância. O capitão acusou:

— Culpa daquele Maurício, que não respeitou o casamento do meu filho.

**OS PECADOS.** No dia seguinte, uma terça-feira, Maurício, de bicicleta, percorreu os 50 quilômetros até a aldeia de Lagoa Rica. Voltou com o pai, Sebastião Pedro, às 7 da manhã da quarta-feira. Sua mãe, Terezinha, e a avó, Aurora, voltaram duas horas depois. Estavam em Douradina, onde a avó fora buscar a aposentadoria. R\$ 130.

do Panambizinho, foram 12 os suicídios.

Linete Conciância se matou aos 12 anos. Plínio Pedro, aos 16, mesma idade de Jurandir Pedro ao morrer. Marcílio Perito tinha 17 anos e Atenor Conciância se suicidou aos 21.

Olívio Mangolim, teólogo, filósofo, membro no Mato Grosso do Sul do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) – braço da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – não tem dúvidas. O suicídio dos kaiowás-guaranis é decorrência “da expulsão deles das suas terras”.

Alexandre Abreu, agente da Funai na Reserva de Dourados, além da questão da terra, acha que o suicídio está “virando um costume”. O prefeito do município de 150 mil habitantes, Antônio Braz Mel-

nas da UCDB, aponta, como resultado do confinamento das tribos em espaços cada vez menores, a “mudança na organização social”. Com reflexos diretos nos sistemas de poder e religião tradicionais.

As aldeias eram formadas por uma ou, no máximo, duas ou três famílias. O Nhanderu (Nosso Pai) era a liderança política e religiosa. Embora ainda no mundo colonial, por volta de 1760, os kaiowás tenham sido contatados pela primeira vez, é na Guerra do Paraguai, a partir de 1864, que se altera o panorama de isolamento.

Grande parte dos ex-combatentes, em especial paraguaios, finda a guerra, se incorpora à mão-de-obra da Cia. Matte Larangeiras.

Provisionador da Comissão de Limites,



Aurora empurrou a portinhola da ôga. Encontrou o neto, Maurício, com um laço no pescoço, dependurado numa viga. Sua mãe, Terezinha, diria pouco depois:

— Meu filho está morto. A culpa é da Cleonice. A culpa é do Nelson. Os filhos deles morreram, o meu também. Não reclamem mais. O meu filho pagou com a vida os seus pecados.

Pecados. Na Reserva de Dourados, com 7.500 índios, as congregações evangélicas são 30. E oito delas são igrejas evangélicas criadas e denominadas pelos próprios índios. Alcides Balbino, 42 anos, ex-católico e animador de bailes, hoje é acordeonista da Deus é Amor, Pronto-Socorro de Jesus.

Pecados. Dois anos antes de Maurício se matar, aos 13 anos de vida, por amor ao mesmo Maurício se suicidou Deliana Pedro. Deliana era irmã de Elaine, que se matou em maio por amor a Maurício. Desde 1995, dentre as 56 famílias

**O embate**

Dionésio não deixa a terra “de jeito nenhum”. Em Londres, a ONG Survival entrega 94 mil assinaturas e pede a demarcação de terras

real, decisivo, é o confinamento nas reservas e aldeias.

Almires Machado, filho do capitão da aldeia de Jaguapiru, que com a bororo compõe a Reserva de Dourados, como os demais também fala na questão da terra, mas acha que “os kaiowás não têm o mesmo equilíbrio que os terenas”. Mestiço, Machado é mais terena do que kaiowá.

Katya Vietta, gaúcha, 35 anos, mestra em Antropologia, coordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre Populações Indíge-

lo (PSDB), entende ser esse “um caso de polícia”. Maucir Pautletti, advogado, assessor jurídico do Cimi-MS e o coordenador regional, Nereu Schneider, fazem coro:

— O problema

o gaúcho Thomás Larangeiras juntou as pontas: muita erva-mate nativa, e muita mão-de-obra, por vezes a nativa.

**O ESPAÇO.**

Em 1895, o governo já dera à Companhia concessões para mais de 5 milhões de hectares. Entre 1914 e 1928, com o marechal Rondon e o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), são criadas oito reservas. É o início do confinamento. Aboletam-se as famílias, chocam-se as lideranças. Começa a desaparecer o vital para o kaiowá-guarani: o espaço.

Há 200 anos, os kaiowás-guaranis ocupavam 25% do que hoje é o Mato Grosso do Sul, numa área de 8 milhões e 750 mil hectares. Entre 1940 e 1970, foram destruídas cem aldeias no Mato Grosso, e criadas oito reservas. Restavam, no início dos anos 70, além das reservas, 16 aldeias. Hoje, os kaiowás-guaranis ocupam menos de 1% do Mato Grosso do Sul.

**Diz o Cimi: “O problema real, decisivo, é o confinamento nas reservas e aldeias”.**



**O Trio Parada Dura.**

Assunção, de boné, o capitão Luciano, de chapéu, e Wilson, chefe do posto da Funai. Eis aí o poder

Getúlio Vargas, com sua “Marcha para o Oeste”, criou as Colônias Agrícolas Nacionais. Uma delas, a Colônia de Dourados, com lotes de 30 hectares para cada colono.

Desde 1980, os kaiowás-guaranis começaram a retornar às terras de suas aldeias originais. De fazendeiros, retomaram 15 áreas de antigas aldeias. Quatro delas neste 1999.

**DEMARCAÇÃO.** Uma das áreas em conflito é o Panambizinho. Em dezembro de 1995, num ato de “justiça histórica”, o então ministro Nelson Jobim, na própria aldeia, encenou a demarcação de 1.240 hectares. Famílias de colonos há 50 anos na área resistem.

O processo tem tudo para arrastar-se na Justiça. Só a terra nua, sem as benfeitorias, vale coisa de US\$ 3 milhões. Um acordo não sairia por menos de, US\$ 10 milhões. Dionésio Marques Rosa, 41 anos, líder dos fazendeiros, avisa:

— Meus avós, Benedito e Lúcia, ganharam título dessa terra. Esses índios trabalhavam pra mim e alguém encheu a cabeça deles. Eles têm direito a terra, mas não à nossa. Daqui a gente não sai. De jeito nenhum.

O que sente Dionésio quando um dos kaiowás do Panambizinho, vizinhos à Vila Cruz, se suicida? “Conheço quase todos eles”, diz. Mas o que sente Dionésio?

— O mesmo que sentiu minha tia Rosalina quando meu tio Francisco bebeu veneno e morreu. Ela bebeu no dia seguinte e morreu também. De remorso.

Remorso. Na aldeia bororo, a outra porção da Reserva de Dourados, o capitão Luciano Arevalo está reunido com o segundo-capitão Assunção Castro e o chefe do posto da Funai em Dourados, Wilson Mattos. “Capitão” é uma invenção ainda dos tempos do SPI, do marechal Rondon.

Com a criação das reservas e os consequentes conflitos pela superposição de lideranças, surgiram os capitães e as milícias indígenas, os policiais a serviço do capitão. Em Dourados, tanto entre os bororos como na Jaguapiru, avolumam-se queixas contra o sistema de poder. Mantido a qualquer custo. O capitão Luciano, por exemplo, é o chefe também em mais de uma igreja evangélica.

Oito usinas de álcool da região empregam 4.500 índios no corte da cana. Em média, cada índio recebe R\$ 300 por 45 dias de trabalho. Os que organizam e escolhem a força de trabalho, os *cabeçantes*, ganham 10% sobre a produção de cada trabalhador.

O capitão leva 10% em cima do adiantamento que o trabalhador recebe ainda na aldeia, antes de seguir para a usina. Cada índio recebe adiantado entre R\$ 50 e R\$ 100, e cada turma tem entre 60 e 100 trabalhadores. Imagine-se o poder, e a coibiça, de capitães como Luciano – e Ramão Machado, na vizinha Jaguapiru –, e de seus segundos, como Assunção.

Acusado de violências, Ramão já esteve preso. Em Dourados, reserva líder na estatística de suicídios com mais de 45% dos casos, multiplicam-se as denúncias de ação da milícia, de estupros, esfaqueamentos, pressões para o abandono da terra, curras. As perspectivas são ainda piores.

Em 2002, por força de um acordo internacional assinado pelo Brasil, devem ser interrompidas de vez as queimadas que antecedem ao corte da cana. A queimada torna viável o trabalho braçal no desfolhar, cortar, limpar o terreno.

**O LEQUE.** A mecanização, que já começou, se tornará inevitável. Com ela, mais desemprego entre os índios. Desemprego que é crescente por conta da pressão do Ministério do Trabalho e de procuradores contra o trabalho indígena sem carteira assinada.

O historiador Antônio Brand relata: “O processo de confinamento não significou apenas o deslocamento e perda de espaço para quase uma centena de aldeias, mas a progressiva inviabilização de um modo de vida tradicional. Com a superpopulação, esgotam-se os recursos naturais, inviabiliza-se a economia tradicional, impõe-se o assalariamento compulsório nas usinas”.

Brand persegue o labirinto kaiowá-guarani:

— A sobreposição de aldeias e chefias e a crescente desagregação familiar com a ausência prolongada dos homens em consequência do trabalho fora comprometem a unidade básica dessa sociedade, a família extensa. A desagregação se

traduz na quebra da solidariedade interna, na inviabilização da religião tradicional. O alarmante número de suicídios se situa neste amplo leque de profundas e impostas transformações.

Há mais. Cada igreja, suas razões à parte, é um agente a mais no processo, pois cada kaiowá-guarani, nesse ambiente de desagregação, é um partido político. Cada agente, venha de onde vier, por melhores que sejam suas intenções, não deixará de significar outra vereda no labirinto.

Na origem, quando tudo ainda era ordem, valia apenas uma crença; cada indivíduo é formado por uma alma de origem divina e outra de origem telúrica, terrena. A alma telúrica (Ângue), a partir da morte, permanece próxima, vagando.

**O FEITIÇO.** Os kaiowás-guaranis temem, sempre temeram, a Ângue. Por isso, ainda hoje, é preciso queimar a casa e mudar-se quando a morte é violenta. No suicídio, a alma não encontra seu caminho para o céu e tende a incitar outros suicídios para que, juntas, as Ângue encontrem, enfim, o caminho do céu.

Quando, em maio, se suicidou Luiz Concianza, filho do capitão do Panambizinho, o pai, Nelson, decretou:

— Foi feitiço.

O mesmo disseram nos suicídios no Amambaí, Taguaperi, Campestre, Juaguari, Caarapó, Porto Lindo, Limão Verde, Pirakuã. O mesmo se murmurou na fofoca, a nhe'ê Reí, no dia 15 de abril, na aldeia bororo, em Dourados.

Por não ter carteira de trabalho, Denildo Araújo, 15 anos, foi demitido do corte de cana na véspera. De bermuda cinza, camisa branca de mangas curtas, estampada em azul e verde, foi encontrado no meio da mata às 5 da madrugada. Corda azul de náilon no pescoço. Pendurado numa árvore.

Tito Benites, 28 anos, discutiu com Drasilvia, a mulher. Foi até o boliche do Nestor, na aldeia bororo, e comprou duas garrafinhas de cachaça. No dia 5 de julho último. O laço era de náilon. Cinza. Trançado

duplo. Na viga do casebre que construía.

Fernando Aquino, 39 anos, na bororo. Fio duplo. Náilon. O nó, em uma corda de sisal. Em um travessão de madeira, na cabana, a 1,33 metro do solo. Blusa azul com a inscrição COC. Calça jeans, verde. Cinto marrom. Chinelos Dupé, verdes.

Na sacola de Fernando — uma Jump vermelha —, um cobertor. Na cabeça, um boné azul e branco. Do candidato a governador, Pedro Pedrossian. Livores hipostáticos na região dorsal inferior e um sulco de profundidade variável e ascendente em direção ao pavilhão auricular esquerdo.

Em 2 de abril, na bororo, Zuleide Amarilha, 17 anos. Calça jeans. Sem cin-

Camisa marrom, estampas em xadrez. Havaianas azuis.

Jonair, aos 12. A 17 de fevereiro, na Amambaí. Freita, aos 16, em maio, na Pirajuí. Eudósia, 15, em maio, na Caarapó. Sônia, Narciso, Agmar, Vandeir, Aparecida... aos 17, 24, 19, 15, aos 13. Juninho, aos 9.

Na Faculdade de Direito de Dourados, a 10 quilômetros, o professor de Medicina Legal, Antônio Jajáh, ensina em suas apostilas:

— Não existe suicídio na primeira infância. Antes dos 10 anos, é excepcional. Raríssimo abaixo dos 15 anos...

No Restaurante Kikão, todo o glamour da noite douradense. Rose, uma Angélica do sertão, canta Rio Negro e Solimões. Aplausos das mesas lotadas. Inclusive as dos holandeses, turistas em peregrinação pelo Mato Grosso do Sul. Aplausos. Cada um dos homens percebe ser para si o olhar de Rose. Coisa de minutos, é só uma canja.

**OS APLAUSOS.** Tim e Nildo são os donos da noite, até a madrugada. Aplausos e gritos entusiásticos dos brasileiros quando Nildo imita Sinatra em *New York, New York* e Louis Armstrong em *What*

*a Wonderful World*. Aplausos, gritos, olhos e cabeças em busca dos holandeses. De resto, silêncio. Até que, como Rose, Nildo puxa *O Frio da Madrugada*. Num murmúrio, o coro acompanha:

— ...falei com meu Deus porque não manda a morte/sem esse amor nada mais importa a vida perde a razão...

Amanhece. No *Bom-Dia Brasil* local, o entrevistado Daniel Aquino, do Panambizinho, alerta:

— A questão é a terra. Nós vamos lutar por ela.

Final da tarde da sexta-feira, 24 de setembro. Daniel está de volta ao Panambizinho. Percorre o tekoha com os olhos, percebe um rapaz sentado, cabeça baixa, na penumbra de uma ôga. Daniel se vira para o irmão, Reginaldo, e murmura:

— O Salomão está triste. É preciso ter muito cuidado...



**Resumo da Opera.**

Música sertaneja à noite inteira. Aplausos, só para angélicas e cantorias para gringo ver. E o coro para *O Frio da Madrugada*

Célia Amarilha. Aos 11 anos. Às 16 horas da véspera, próximo ao córrego da aldeia bororo, o “mascarado” tentou estuprá-la. Não conseguiu. Às 6 da manhã seguinte, Dorina, a irmã, a viu sair para buscar mandioca.

Célia demorou. Juliana, a outra irmã, 9 anos, foi procurá-la. Encontrou-a. Já no chão. Os 25 centímetros de corda se romperam. Bermuda jeans.

to. E o par de havaianas próximo aos pés. Num caibro, dentro de casa. No pescoço, a junção de três blusas brancas amarradas e cortadas nas mangas.

Um mês e uma semana depois, em 9 de maio, foi a irmã,

# Jonair se matou aos 12, Vandeir, aos 15, Agmar, aos 19, Juninho aos 9..

			467	

CADERNO \_\_\_\_\_

PÁGINA Nº \_\_\_\_\_



### Festa no Panambizinho.

Na sexta-feira, 24 de setembro, missionários levaram uma papa de arroz à aldeia dos kaiowás. Contagante alegria com o banquete

## HISTÓRIA VS. HISTÓRIA

Em dezembro de 1995, então ministro da Justiça, o hoje ministro do STF, Nelson Jobim, foi à aldeia.

Para reparar uma "injustiça histórica". Assinou portaria com a demarcação de 1.240 hectares para os kaiowás do Panambizinho.

A tribo, com 260 pessoas, vive hoje em 60 hectares e cercada por 37 famílias de colonos assentadas na Colônia Nacional da Vila Cruz, há 50 anos, por ato do presidente Getúlio Vargas.



# SUICÍDIOS: TERRA, CULTURAS, IGREJAS, FACÇÕES, PINGA...

O labirinto kaiowá-guarani na visão de índios, alguns dos seus líderes, missionários, o agente da Funai, o prefeito...



## FLORÊNCIO DA SILVA

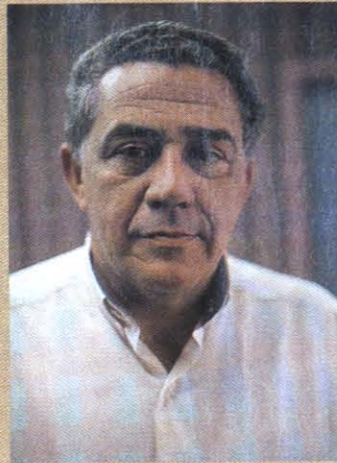
Em 15 hectares, a família Silva planta milho, mandioca, arroz, feijão e batata-doce. O pai, Adriano, diz: "O capitão Luciano, a Funai, quer que a gente arrende a terra pro gaúcho Darci. Isso é uma vergonha, eles tinham feito reunião e falado pra gente nunca mais arrendá". O filho, Florêncio, emenda: "É tudo uma panela só".

## NEREU SCHNEIDER

Advogado, indigenista, coordenador regional do Cimi-MS: "O índio se mata por desespero e não por gosto pela morte. A cultura indígena não vê o fim da vida como festa ou motivo de comemoração".

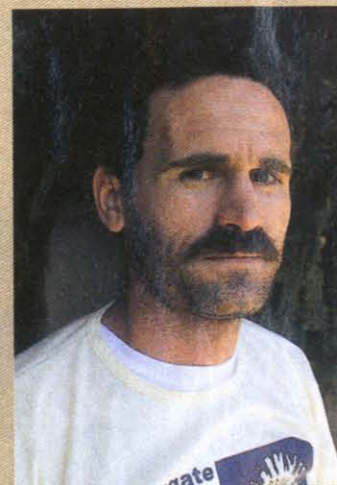
## MAUCIR PAULETTI

Advogado, assessor jurídico do Cimi-MS, indigenista missionário desde 1989: "A luta indígena acaba sendo o fundamento constitutivo de um novo direito, marcado e sedimentado pelo processo de retomada das terras pelos índios. Eles apenas estão retomando o que desde sempre foi deles".



## ANTÔNIO BRAZ MELO,

51 anos, prefeito de Dourados (PSDB) pela segunda vez, católico, três filhos: "São três nações juntas e existe muita gente para pouca terra. A solução é dar terra para eles por aqui mesmo, mas não a terra que eles estão disputando com os colonos. Aquela deve ficar com os colonos, que já fizeram benfeitorias e estão lá há 50 anos. Quando alguém lá se suicida, eu penso: isso é coisa de polícia, pelo amor de Deus".



## MARIO TURÍBIO E OLÍVIO MANGOLIM

Mario, 36 anos. Ele e a família já foram expulsos e retornaram às suas terras três vezes. Mangolim é filósofo, teólogo, membro do Cimi-MS desde fevereiro de 1986. Conta Mario Turíbio: "Fui despejado três vezes. Lutamos desde 1981, eu e minha família. Mas isso deixa índio triste. Meu irmão Argel bebeu e esfaqueou minha mulher, Fátima. Vai ser julgado hoje (21 de setembro). Nós é seis irmão. O outro, Valdito, estuprou e está preso. Nós não pensa antes em acabar com a vida. Nós pensa hoje, decide hoje, faz hoje". Olívio Mangolim: "Para nós o índio é senhor do nariz dele. Ele sabe o que é melhor para ele. A autonomia é deles, o que decidirem, o Cimi apoia. A universidade pensa diferente, vê os índios como coitadinhos, o que eles não são. O que eles precisam é ter de volta a terra deles. E pronto".

**ITACIR PASTORE, 34 anos, catarinense, filósofo, teólogo, estudante de História, coordenador do Cimi em Dourados:** "Por consequência da política indigenista, que não atende ao impacto provocado por essa mesma política, a tendência é, infelizmente, de multiplicar os suicídios. E com a perda do pequeno espaço de força de trabalho no corte de cana nas usinas, que vai acabar pela mecanização e acordos internacionais, o sapato vai apertar mais. Eles vão ter ainda menos perspectivas".



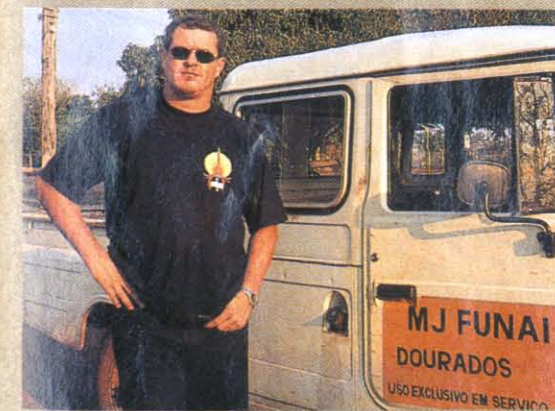
## DANIEL AQUINO DA SILVA, 22 anos, agente de Saúde, estudou Matemática na Universidade até o 1º ano, liderança natural na aldeia do Panambizinho:

"A igreja, qualquer uma, ensina que tem de entregar na mão de Deus, tem de ser pacífico. Pra eles, não tinha essa luta pela terra. Eles ensinam a lutar contra o diabo, mas eu te digo: nós vamos brigar pelas nossas terras, e se os colonos relarem a mão no nosso cemitério, a bomba vai explodir. As igrejas evangélicas de fora e os líderes dizem que não devemos fazer política, mas eles fazem política o tempo todo".



## ALMIROS MACHADO,

32 anos, de descendência terena (são apenas 900 terenas numa população de 7.500 índios na reserva de Dourados, mas eles têm o comando político), professor na escola Tengatut Marangatu, e filho Ramão Machado, capitão (chefe político) da aldeia Jaguapiru: "O suicídio é mais nos kaiowás, eles não têm equilíbrio como os guaranis e os terenas. A missão presbiteriana nos ajuda muito, as igrejas evangélicas também, mas o Cimi, não. Eles querem fazer política. Nós expulsamos daqui alguns caciques que queriam fazer política".



## ALEXANDRE ABREU,

32 anos, agente da Funai na aldeia de Dourados: "Eles se suicidam porque falta perspectiva, porque há muita gente para pouca terra e, no fim da linha, existe a bebida alcoólica. O suicídio está virando um costume".